

O DOMÍNIO DA TÉCNICA SOBRE O SENTIR NO FILME *EQUILIBRIUM*: UM ESTUDO A PARTIR DA CONFERÊNCIA 'A QUESTÃO DA TÉCNICA' DE HEIDEGGER

The dominium of technique over the feeling on the movie Equilibrium: a study starting from Heidegger's conference "The question of technique"

João Batista Farias Júnior¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o filme *Equilibrium* de Kurt Wimmer em que a técnica surge como única possibilidade de fundamentação do desenvolvimento da humanidade. No filme os sentimentos são identificados como fonte do sofrimento e das desgraças humanas, sendo então estabelecido que devem ser exterminados com o uso de uma droga. A técnica se apresenta no filme como fim para a história da humanidade, tal qual teme Heidegger. A fim de mostrar as conseqüências últimas do domínio da técnica sobre o sentir e sobre o próprio ser se discorrerá esse artigo, sempre fazendo uma alusão ao filme *Equilibrium*.

Palavras-chave: técnica, Heidegger, ontologia, pensamento, cinema.

Abstract: This article aims to analyze the film *Equilibrium* of Kurt Wimmer in which the technique appears as the only possible of foundation of human development. In the movie the feelings are identified as the source of suffering and human misery, and then established that must be exterminated by the use of a drug. The technique is presented in the film as the end to the history of humanity, like Heidegger feared. In order to show the latest consequences of domination of technology over the feelings and over the being itself this Article will be developed, by making an allusion to the film.

Keywords: technique, Heidegger, ontology, thought, cinema.

Equilibrium, filme rodado em 2002, é de incrível capacidade de uso como referência para a compreensão da técnica e algumas conseqüências desta, tal qual trata a filosofia de Heidegger. O filme mostra um futuro não muito distante em que obras de arte, livros e quaisquer elementos provenientes da criatividade e sensibilidade humana são destruídos em prol da massificação da idéia de que sentimentos são ruins. O entendimento de que a subjetividade humana é um risco para a vida é elevado ao ponto de marginalizarem o que há de mais sagrado na natureza humana, o sentir.

Tendo como base uma sociedade num pós-guerra é estabelecida uma nova visão sobre a vida da humanidade. Analisada a devastação causada pela 3ª Grande Guerra e a possibilidade de aniquilamento da raça humana se não buscarem um meio absoluto de extermínio de qualquer chance de uma outra guerra acontecer, os humanos criam em *Equilibrium* a solução para o que eles classificam como fonte das desavenças e desgraças da humanidade. Os sentimentos são tomados como ruins, sendo então inibidos por uma droga, o Proziom. Nessas condições surge então uma sociedade sólida, rígida, com uma

¹ Graduando em Filosofia (UFPI), Bolsista do PET Filosofia (UFPI).

forma de governo totalitário, onde os humanos vivem apenas pela simples perpetuação da espécie. Em que o ato de sentir não afeta de forma alguma as escolhas, onde todas as decisões são tomadas de forma a escolher-se o mais viável, o mais produtivo. Nada de se atentar para a estética das coisas, apenas se deve atentar para a técnica e para o desenvolvimento desta.

Em uma realidade onde não existam sentimentos, onde o sentir é caracterizado como fonte de desgraça, a única coisa que pode vir a lucrar com isso é a técnica. Heidegger, um dos mais importantes pensadores do século XX tratou do estudo da técnica de forma a chamar a atenção para o desvio de significação que esta tem sofrido desde a Grécia antiga até os dias atuais e mais atentamente para as conseqüências de uma “tecnificação” do ser. Todo o trabalho de investigação que Heidegger faz a respeito da técnica nada mais é que uma retomada ao que a metafísica perdeu há muito tempo, o estudo da essência do ser. Heidegger irá fazer uma investigação completa sobre o ser em seu livro “Ser e Tempo”. Mas o que nos interessa será uma investigação ontológica acerca da técnica. Investigação esta que se encontra explicitada e muito bem trabalhada em uma conferência cujo texto é conhecido por “A questão da técnica”.

O caminho de esquecimento do ser, o afogamento do sentir na sociedade técnica

A forma como o domínio da técnica ocorre na sociedade de *Equilibrium* parece a princípio diferir da forma de que fala Heidegger. Na obra ficcional a técnica vem sobrepujar os sentimentos e tudo o que há de mais íntimo da essência humana graças a uma droga que todos usam diariamente. Heidegger fala de um domínio da técnica sobre o ser que já se desenvolve há muito tempo. De forma que com o desenvolvimento da necessidade de produzir-se cada vez mais, da visão da utilidade que se ganha com a estocagem, da necessidade de objetivação e desvelamento do mundo, da produção em massa de bens, a técnica mostra-se como aliada ao progresso, no entanto torna o homem escravo de sua criação.

O homem vem apenas apropriando-se do mundo, colocando este a seu dispor. Abandonando o olhar sobre o belo e sobre a essência dos seres. Mesmo parecendo, a princípio, diferentes os dois modos de submeter a natureza das coisas e sua própria essência à técnica, o pensamento heideggeriano pode ser identificado no filme já no núcleo do que vem a desencadear o envenenamento da raça humana, que nada mais é que um olhar calculador sobre si mesmo. O ápice do esquecimento do ser apresenta-se em *Equilibrium* como a vontade de quererem livrar-se da essência humana achando que esta é causadora dos males que atingem o mundo.

Nada muito longe do processo de esquecimento do ser, o abandono dos sentimentos é identificado como parte fundamental do domínio da técnica na sociedade moderna. Sendo o sentir identificado como um buraco frente ao avanço da objetivação do mundo, nada mais seria próprio da técnica do que a superação de um modo do ser se apresentar que não seja o calculável. Em uma sociedade técnica esse pensamento pode vir a ser implantado como mostra *Equilibrium*. O ser se encontra reduzido a ente a tal ponto que a implementação de uma prática de maquinação do homem poderia ser aceita em uma sociedade técnica. No filme o único argumento proposto é logo aceito e este diz apenas que os sentimentos levam os homens às guerras, que o sentir fragiliza a sociedade e expõe-nos à nossa subjetividade, sendo esta algo que não nos permite controle.

O homem desde sempre fez uso da técnica. Esta, tida como meio de descobrir o mundo e as coisas, é parceira do homem na apropriação e desenvolvimento de ferramentas que o ajudem a relacionar-se com tudo. Porém este relacionar-se vem ganhando valor unicamente de aprisionamento e sujeição de tudo à vontade do homem. Estando tão íntima da técnica, a vontade do homem supera a necessidade e trilha um caminho de

tecnificação de tudo e de todos. “*Trata-se da forma de desencobrimento da técnica que o desafia a explorar a natureza, tomando-a por objeto de pesquisa até que o objeto desapareça no não-objeto da disponibilidade*” (HEIDEGGER, 2008, p.22). O homem passa a buscar meios pelos quais os seres sejam descobertos e aprisionados para que fiquem à sua disposição. Aqui está o motivo pelo qual Heidegger fala de uma mudança no significado da técnica. Esta deixou de ser aliada para ser completamente necessária na vida humana. Antes utilizada de forma sutil, deixava ao homem a liberdade de criar e buscar sustento apenas na “quantidade” que lhe dizia respeito. Com a simplificação da descoberta e com o anseio por facilidade e segurança esta passou a vigorar em todas as particularidades da vida do ser humano. Fala-se então em *Equilibrium* de uma vitória sobre a natureza humana. Mas vitória de quem ou do que se o homem só existe por sua natureza? Estamos diante de uma vitória, sim, a vitória da técnica.

O ponto que vem a ser mais marcante no estudo das consequências do uso exacerbado da técnica e que nos é transmitido em *Equilibrium* é a marginalização do sentir. Os sentimentos atrasam o aprisionamento do mundo por se tratarem de uma parte da essência do ser, algo subjetivo. Num mundo técnico nada que não seja calculável é necessário. Em outras palavras, o necessário será apenas o conhecimento fruto do tipo de pensamento que Heidegger define como “pensamento que calcula”. Este rege tudo que é técnico utilizando-se das previsões feitas graças aos cálculos matemáticos e modelos científicos que indicam sempre o modo mais produtivo de obtenção de fins.

Heidegger cita mais outro tipo de pensamento, “o pensamento que medita”. Este pensamento que medita também é importante na realização da existência do homem na Terra. Trata-se do que há de mais profundo dentro do pensamento que calcula. Heidegger fala que a técnica é diferente de sua essência e que esta nada possui de técnica. Tal pressuposto que difere a técnica de sua essência também se apresenta com o pensamento que calcula. A essência deste não é o cálculo em si, mas algo diferente. O pensamento que medita vem a ser a essência do pensamento que calcula. Porém, numa sociedade transformada pela técnica, nada de subjetivo interessa. Mesmo aquilo que é íntimo ao ser humano e que faz deste algo único é tratado como algo desinteressante ao longo da objetivação do mundo. Assim sendo, o pensamento que medita é demasiado trabalhoso e impede que o cálculo das coisas no mundo ocorra do modo mais eficiente numa visão técnica.

Heidegger diz que estes dois pensamentos trabalhando juntos permitem ao homem uma contínua e saudável relação com o mundo. Porém visto que apropriação do mundo de forma exclusivamente de aprisionamento é mais rápida e lucrativa, faz-se da conquista de tempo e de resultados uma aplicação mais importante que a tarefa de pensar na essência dos seres. Afinal, a tarefa de meditar pode ser trabalhosa e demorada e esses adjetivos não são bem-vindos em uma sociedade técnica.

Assim o homem, descobrindo-se subjugado aos algoritmos desconhecidos da razão humana que são os sentimentos, procura um modo não de revelá-los, mas de se desfazer deles. E é a este ponto que chega a sociedade moderna de *Equilibrium*. Vendo-se munidos de uma “cura” para a subjetividade, partem para um mergulho na completa “tecnificação” do ser. Aniquilam-se os sentimentos e dá-se mais espaço para que a técnica desenvolva-se e deixe de ser ferramenta e passe a ser a própria essência humana. A técnica torna-se não apenas um perigo à legitimação da existência, trata-se de algo mais, em termos heideggerianos, torna esta factual e inautêntica. Aqui se vê o porquê da história da existência humana estar atrelada à história de desenvolvimento da técnica, ambas representam a história de esquecimento do ser.

O questionamento sobre a essência da técnica e o reencontro com o ser

Equilibrium não possui em conformidade com o trabalho de Heidegger apenas o cuidado com as consequências da técnica na sociedade moderna. Como que tendo um toque conscientemente heideggeriano, no filme nos deparamos com a mesma resposta que este filósofo dá para a solução do problema da técnica.

Heidegger nos aponta uma solução para o processo de fuga do controle da técnica. É justamente o estudo da essência da técnica que servirá de chave para o retorno de uma relação saudável desta com o homem. “*Ora, onde mora o perigo é lá também que cresce o que salva*” (HEIDEGGER, 2008, p37). Mas eis que precisamos dar o primeiro passo, questionando.

Questionando assim, damos testemunho da indigência de, com toda a técnica, ainda não sabermos a vigência da técnica, de, com tanta estética, já não preservarmos a vigência da arte. Todavia, quanto mais pensarmos a questão da essência da técnica, tanto mais misteriosa se torna a essência da arte. (HEIDEGGER, 2008, p37).

O modo que Heidegger nos fala como retorno à essência da técnica será através da linguagem, da arte que se revela nas palavras. A linguagem para Heidegger é o modo pelo qual o ser realmente se mostra para o mundo. Inclusive naquilo que é técnico, com a meditação obteremos através da linguagem uma descrição que em nada será objetiva e baseada em fatos técnicos, mas sim uma descrição poética da essência daquilo que é a técnica. Sendo a técnica moderna responsável pela ocultação do ser, a busca por sua essência trará ao estudo do ser aquilo que há muito foi perdido.

Hölderlin era para Heidegger o verdadeiro “pastor” do ser. Friedrich Hölderlin foi um poeta que aos ouvidos de Heidegger conseguiu transpor o ser em sua poesia. Hölderlin relacionou-se com importantes pensadores alemães e teve seu trabalho muito bem lido pelos românticos de sua época. E foi com a leitura de Hölderlin que Heidegger veio a encontrar sua fonte poética de conhecimento do ser.

Na obra de Kurt Wimmer não nos deparamos com poemas de Hölderlin, mas de outro poeta que possui a mesma singularidade. Trata-se de William B. Yeats. Poeta Irlandês do século XIX que tem uma sensibilidade única e que com sua poesia que muito fala do homem do campo, do pastor, consegue fazer com que nos sintamos diante da própria verdade sendo revelada. Yeats faz com que a nós seja expresso o fenômeno do ser revelando-se nas palavras.

Logo no início do filme, o personagem John Preston é levado por suas suspeitas de que seu colega de trabalho esteja “sentido” à segui-lo. Chegando a um galpão onde vê seu parceiro com um livro, Preston trava um diálogo que parece ser o que o incitará a duvidar, a questionar. Preston logo após ouvir o poema de Yeats mata seu parceiro investigador por este representar uma ameaça à tão bem-estruturada sociedade técnica em que vivem. Porém, de algum modo, os versos de Yeats:

E eu sendo pobre / Tenho apenas meus sonhos / Coloquei meus sonhos sob
seus pés / Caminhe devagar / Pois você caminha sobre os meus sonhos.
(ROSENTHAL, 1994, p.4).

parecem surtir um tipo de efeito que culminará em uma dúvida para Preston. John Preston experimentará a fuga de sua “prisão” e deixará os sentimentos mostrarem-lhe algo a mais a respeito da vida. Preston para de tomar suas doses de Proziom e vê-se encantado pelo turbilhão de sentimentos que passam a vir ao mundo através dele. A poesia representa a

chave que abrirá a passagem do ser ao mundo. Através das palavras o poeta dá vazão ao sagrado.

O sagrado é aquilo que o poeta envolve a vinda do Deus. Hölderlin pertence ao outro começo. Por isso, sua arte não é a arte da metafísica. Já é uma arte ligada ao próprio ser. Porque ele experimenta o poetar como nomear o sagrado. O sagrado é aquilo que funda outro começo. O sagrado é o mesmo que a verdade, o mesmo que acontecimento-apropriação, é o próprio ser. São nomes para dizer a mesma coisa. Por isso o sagrado funda o outro começo. Assim o poeta funda, poeticamente, a morada permanente do homem no outro começo. (STEIN, 2002, p.134).

Assim sendo, Heidegger nos propõe que busquemos o retorno naquilo que há muito foi esquecido e que, no entanto, ainda habita nosso íntimo. Essa busca, um “novo começo”, será assim como alegoricamente faz o personagem John Preston em *Equilibrium*: olhando-nos no espelho e buscando aquilo que esquecemos até mesmo que existe em nós, teremos outra chance de sermos todos outra vez pastores de nossa própria existência. Cabe a cada um se deixar revelar naquilo que naturalmente vem ao mundo, porém devido ao olhar técnico da modernidade mostra-se timidamente como um simples objeto de um cálculo.

Ninguém poderá saber se está reservada à suprema possibilidade de sua essência no meio do perigo extremo. Mas todos nós podemos nos espantar. Com o quê? Com a outra possibilidade, a possibilidade de se instalar por toda parte a fúria da técnica até que, um belo dia, no meio de tanta técnica, a essência da técnica venha a vigorar na apropriação da verdade. (HEIDEGGER, 2008, p37).

Ao fim, vê-se John Preston, já como senhor de seus sentimentos, aliar-se àqueles que representavam a minoria na sociedade técnica, aqueles que não se permitiram “robotizar”. Temos na ficção um encorajamento à luta contra a tecnificação do mundo e do homem, porém vemos que é necessária uma luta. Essa luta não é uma batalha com pessoas que não possuem sentimentos, mas, sobretudo será uma luta consigo mesmo. Será com um combate à objetivação de tudo que sofreremos no dia-a-dia. Heidegger nos propõe o simples questionar acerca da essência da técnica para que nos fortaleçamos e consigamos pensar o sentido da vida e retomarmos ao que perdemos com o esquecimento do ser pela metafísica.

Referências

- Equilibrium* (Equilibrium, 2002), 107 min. EUA. Kurt Wimmer. Dimension Films.
- STEIN, Ernildo. *Introdução ao Pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. São Paulo, Nova Cultural, 1989.
- _____. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis, Vozes, 2008.
- ROSENTHAL, M. L. *Running to paradise: Yeats's Poetic Art*. EUA, New York, Oxford University Press, 1994.

Recebido em: 14/06/2011

Aceito para publicação em: 06/07/2011